

QUANDO HÁ CENA? COMUNICAÇÃO E DRAMATURGIAS EM DIÁLOGO

WHEN IS THERE A SCENE? COMMUNICATION AND DRAMATURGY IN DIALOGUE

Francine Altheman ¹
Jorge Cardoso Filho ²

Este dossiê é resultado de três anos de investigação, realizada na parceria entre dois grupos de pesquisa cadastrados no CNPq, a saber: o SENSE - Comunicação, Consumo, Imagem e Experiência, da ESPM-SP, e o GEEECA - Grupo de Estudos em Experiência Estética: Comunicação e Artes, da UFRB. Tal parceria teve apoio do CNPq, por meio de recursos que deram aporte financeiro para a pesquisa *Corpos da cena / em cena: imagens estético-políticas produzidas em coletividade no Recôncavo da Bahia e na Grande São Paulo*, no edital CNPq/MCTI/FNDCT n.18/2021, que permitiu mapear audiovisuais produzidos por coletivos localizados nos territórios do recôncavo da Bahia e da grande São Paulo, em diferentes formatos e gêneros narrativos, que fizessem emergir corpos e imaginários estético-políticos tradicionalmente invisibilizados.

É notório que vários processos sociais e políticos ocorridos nas duas últimas décadas (desde a ampliação do acesso ao ensino superior e a descentralização das universidades públicas, aos avanços tecnológicos que produziram a democratização nas formas de realização audiovisual e a expansão das redes sociais digitais) fizeram emergir sujeitos oriundos de contextos minoritários que passaram a reivindicar o direito de se narrar, rasurando as paisagens hegemônicas do sensível. Para além da narrativa, compreenderam que, na produção audiovisual pós-industrial, essas rasuras se dão no nível estético, discursivo e institucional: pessoas negras, mulheres, indígenas, migrantes, periféricas e dissidentes de gênero e sexualidade têm ocupado diversos espaços de circulação de imagens, com desejo de intervenção social, de disputa por visibilidade e de superação de imaginários datados, que contribuíram para perpetuar historicamente posições de assujeitamento e a reificação de violências estruturais.

1 Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestra em Comunicação na Contemporaneidade pela Faculdade Cásper Líbero. Professora do Curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). E-mail: franaltheman@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1768-7617> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3239541135205980>.

2 Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). E-mail: cardosofilho.jorge@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4276-934X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5699855342488237>.

Todo esse processo de pesquisa nos apontou para a necessidade de sistematizarmos melhor alguns fundamentos da pesquisa sobre a dimensão sensível das imagens e suas incidências na ordem política, de um modo que nos permitisse descrever e aprofundar os estudos sobre as configurações de determinadas "cenas", situações diversas que emergiram tanto nos episódios cotidianos da vida, quanto em ocasiões com caráter mais eminentemente artístico, ou mesmo com gestos políticos que podiam ser captados em muitos acontecimentos.

Nos audiovisuais com os quais trabalhamos na pesquisa, destacaram-se elementos tanto da ordem da narrativa como da ordem da dramaturgia, o que nos indicou a necessidade de uma articulação entre esses campos para um estudo mais promissor do que nos interessava investigar. A compreensão de audiovisual feito em comunidade, por exemplo, se manifestava expressivamente, ora nos diálogos em cena, ora em elementos de composição cenográfica, ou do próprio desenho de som dos produtos (que trazem "ecos" das instâncias produtivas).

É nos estudos de Erving Goffman que uma metáfora teatral (de zona de fachada e zona de fundo) é encontrada, sobretudo para lidar com os papéis sociais dos indivíduos em situação de interação social. Goffman (2012) aponta que há "papéis" a partir dos quais os sujeitos são convocados a atuar, inserido em determinados contextos, nos ambientes diversos em que interagem - o que acaba construindo certos quadros (enquadramentos para as situações sociais). Esses trabalhos inspiram o campo da Comunicação a pensar as performances sociais como importante fenômeno a ser investigado, mas cujo foco não pode se restringir à interação entre os sujeitos envolvidos.

Para além dos sujeitos envolvidos na interação, percebe-se também a presença de objetos que tornam determinadas interações possíveis, sejam esses objetos de ordem artística ou situacional, eles fazem parte das cenas e, muitas vezes, transbordam das cenas para ganhar protagonismo em outras instâncias da vida cotidiana, mesmo fora das narrativas audiovisuais. Sejam as chamadas redes de audiovisualidades (Gutmann, 2021) ou as práticas de produção audiovisual em coletivo (Souza, 2018), essas processualidades podem ser reconhecidas em várias das dimensões expressivas das imagens.

As imagens, desse modo, ganham um contorno mais definido e parecem mesmo se construir enquanto uma cena estética (e aqui entendemos que uma cena estética se distingue de uma cena espetacular, sobretudo se pensarmos nos modos como a ideia de espetáculo ficou popularizada a partir de Guy Debord). As cenas ganham força expressiva pelos agentes que dela participam (sejam eles humanos ou não) e pelas formas como seus elementos interagem entre si (figurinos, composição cenográfica, sons, ruídos, cores etc.) e, em alguns casos, podem ser meticulosamente organizadas em dimensões espetaculares.

Ao acionar as cenas, trazemos Rancière (2018) para essa conversa. Ele propõe que uma cena é composta de dois movimentos: a fabulação do tempo e do espaço, nos quais os atores "aparecem" e se fazem ver e ouvir, e uma montagem operada por aquele que relata as singularidades que tornam a cena única, mas, ao mesmo tempo,

conectada a vários eventos e processos mais amplos. Desse modo, o processo de reconstrução de cenas está permeado por cenas dentro de cenas, pelas teias discursivas que vão se entrelaçando, pelas perspectivas dos diversos elementos utilizados para essa fabulação, pelas falas e textos dos atores envolvidos nesse movimento e pela própria perspectiva do pesquisador.

O dossiê, portanto, apresenta trabalhos com objetos nas mais variadas áreas da experiência estética, mas que se entrelaçam nas redes de feixes discursivos e comunicacionais que compõem a reconstrução das cenas. O texto *Corpos da cena/em cena e a emergência das audiovisualidades periféricas em três atos*, das autoras Scheilla Franca de Souza, Anna Carolline Bolba e Angelita Bogado, propõe ampliar as discussões sobre experiência estética a partir do olhar para o cinema brasileiro. Também observando o cinema, os textos *Conakry e Mined soil: performance e montagem dos arquivos em dois filmes de Filipa César*, de Julia Fagioli, e *A fabulação ampliada na adaptação do livro-reportagem para o audiovisual*, de Iluska Coutinho e Gabriel Bhering, vão se deter nas performances em torno das obras audiovisuais, este último olhando mais atentamente para adaptações literárias.

As performances também fazem coro nos trabalhos em torno do cenário musical. Os trabalhos *A narrativa na linguagem do videoclipe: narrativa pop, persona musical e a dimensão dramática das audiovisualidades musicais em rede*, de Leonam Dalla Vecchia, *Ganhando uma briga de rap através da dança: análise da disputa de autenticidade entre Kendrick Lamar e Drake pelo viés dos regimes coreopolíticos do rap*, de Mário Rolim, de *Os signos da luta antirracista no videoclipe "Junho De 94": uma análise semiótica*, dos autores Alexandre Souza da Silva, Luiza Müller e Bruno Leites, observam a experiência estética performática e as narrativas decoloniais em videoclipes ou performances de dança.

O dossiê ainda abarca trabalhos em torno das performances digitais, pensando nas cenas que constituem as redes sociais ou mesmo os jogos interativos. Nesse sentido, temos os artigos *Estratégias de enunciação de personagens no jogo Florence*, de Bruno Jareta de Oliveira, *A performance midiática de Tulla Luana: a emergência da Web Diva*, de Flávio Marcílio Maia e Silva Júnior, Paulo Faltay Filho e Agnes Vitoriano Dantas Pereira, e *A metateatralidade da Blogueirinha de Merda*, de Leticia Matheus e Raphael Loureiro, que vão discutir o conteúdo performático que se estabelece em contextos digitais, com intenso uso da tecnologia.

Fechando o dossiê, temos os trabalhos de fabulação em torno de objetos, em sentido estrito, mais correlacionados à estética. Na seara da teledramaturgia, temos o artigo *Telenovela brasileira e o "renascer" do espaço estético na casa materna*, das autoras Sandy Palczuk e Aline Vaz, que abraçam a semiótica para observar a maternidade, e suas cenas, em uma telenovela; também em torno da teledramaturgia, o texto *Entre linhas de costura e narrativas seriadas: o figurino como fio condutor dos arcos narrativos das protagonistas da série original Coisa Mais Linda da Netflix*, de Claudinei Lopes Junior, Lais Mader Cremonese e Sarah Suyama Aniceto, olham para o figurino de uma obra dramática como parte fabulativa que compõe essa obra; seguindo a experiên-

cia da dramaturgia, temos o trabalho de Clarice Duarte e Florence Dravet, *Biodrama de uma mulher da roça: um registro da memória para não esquecer*, que, por meio da memória, reconstrói as cenas em torno de Dona Chica a partir de suas experiências, compondo um registro teatral; e, por fim, o dossiê encerra com o trabalho *A arte de si: a potência do dandismo atlântico contemporâneo de Arthur Bispo do Rosário*, de Etevaldo Cruz e Renata Pitombo Cidreira, que traz o conceito de estética da existência a partir das esculturas de Bispo do Rosário.

São 13 artigos que, a partir de objetos de pesquisa diversos, seja no audiovisual, na música, nas artes plásticas, na teledramaturgia ou nas redes digitais, reconstituem cenas a partir das experiências estéticas, das performances, das narrativas e das fabulações.

Agradecemos ainda pela parceria com Nelson Simplício, do coletivo *Cineclube Incinerante* e da *Oficina Kinoférico de Cinema*, em Guarulhos-SP, e suas discussões sobre comunicação comunitária, território e educação audiovisual. Também agradecemos a Ary Rosa e Glenda Nicácio, da Rosza Filmes, em Muritiba-BA, e a Marta Silva e Welisson Santana, estudantes de Cinema e Audiovisual da UFRB-Cachoeira, pelas trocas e partilhas e distinções entre coletivos, coletivos audiovisuais e comunidades.

Referências

GOFFMAN, Erving. **Os Quadros da Experiência Social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012.

GUTMANN, Juliana. **Audiovisual em rede**: derivas conceituais. Belo Horizonte: Selo-PPGCOM, UFMG, 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **Le méthode de la scène**. Entretien avec Adnen Jdey. Paris: Lignes, 2018.

SOUZA, Scheilla. **As ficções de nós na filmes de plástico**: reflexividade, intimidade e partilha no cinema brasileiro contemporâneo. Tese. Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas (Universidade Federal da Bahia). 298 páginas, 2017.